



MÚSICA na educação básica

Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula

Luciana Aparecida Schmidt dos Santos
Universidade Estadual de Londrina - PR
lucianasantosschmidt@gmail.com

Miguel Pereira dos Santos Junior
Universidade Estadual de Londrina / Parfor
miguelpsj@gmail.com





Resumo: A flauta doce é um dos instrumentos mais utilizados em projetos e escolas para o ensino de música, principalmente depois da implantação da lei nº 11.769/2008. No entanto, como é de baixo custo e de fácil e rápida emissão sonora, esse instrumento é frequentemente considerado como um simples meio de iniciação musical. Na maioria das escolas, a flauta doce não é apresentada como um instrumento artístico, de forma que os alunos não sentem vontade de continuar se dedicando ao seu estudo. No presente artigo, procura-se relatar como o método Suzuki pode auxiliar na prática de um ensino musical eficaz, com ideias simples e criativas, que envolvem professor, aluno e família.

Palavras-chave: flauta doce, Suzuki, ensino.

The recorder as an artistic instrument: an experience in the classroom

Abstract: *The recorder is one of the most widely used musical instruments in projects and schools for the music education, especially after the implementation of law No. 11,769/2008. However, as low-cost, quick and easy sound, this instrument is often regarded as a simple means of musical initiation. Thus, in most schools, the recorder is not presented as an artistic instrument, so that students do not feel the urge to continue devoting to its study. In this article I wanted to report how the Suzuki method can assist in the practice of a effectual musical education, with simple and creative ideas, involving teacher, student and family.*

Keywords: *recorder, Suzuki, teaching/music education*

SANTOS, Luciana Aparecida Schmidt dos; JUNIOR, Miguel Pereira dos Santos. Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula. **Música na Educação Básica**. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012.

O ensino da prática de instrumentos musicais vem ocorrendo nas escolas por meio de projetos e aulas curriculares ou mesmo como parte das aulas de artes¹. A flauta doce tem sido um dos instrumentos escolhidos, principalmente porque é de baixo custo (no início das aulas, geralmente é solicitado um modelo estudantil e de plástico) e de fácil transporte e tem uma emissão sonora muito fácil e rápida de ser aprendida em estudos iniciais.

Dentre as várias opções e caminhos para se ensinar a prática desse instrumento, existe a possibilidade de se ‘misturar e adaptar’ métodos a cada contexto de ensino-aprendizagem. Dentre eles, considera-se que a Educação do Talento² (Suzuki, 1994) pode trazer ótimas contribuições para o trabalho nas escolas, mesmo que nesse contexto seja difícil de ter aulas individuais e que o foco principal nem sempre seja o instrumento, mas a aula de música:



outra questão que diferencia o trabalho com a flauta doce na escola é que a aula de música é o centro da proposta, um conceito mais amplo que o de “aula de flauta”. Isto é, a flauta doce é um dos recursos a ser utilizado no fazer musical, não o único (Beineke, 2003, p. 86).

A maior parte das atividades apresentadas neste artigo está alicerçada no método Suzuki, já que Katherine White³ adaptou para a flauta doce aquilo que Suzuki observou, acreditou e praticou no ensino do violino. Propomos que tais atividades sejam aplicadas em escolas de ensino regular, em turmas desde os últimos níveis da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental. Esclarecemos que as fontes da proposta são os encontros entre os professores ‘suzuki’, os diversos trabalhos já existentes e a nossa experiência em sala de aula.

O princípio é fazer tudo *passo a passo...*



Ilustração: Juliane Raniero



1. São muitos os exemplos de trabalhos, citaremos três, conscientes de que existem muitos outros: “Lenga la lenga (Viviane Beineke), “Flauta, flautinha e flautão” (Quinta Essentia Quarteto de flautas doces) e Projeto Guri (AAPG – Associação dos Amigos do Projeto Guri).
2. “Educação do talento” é o nome usado para designar uma proposta de educação musical desenvolvida pelo violinista japonês Shinichi Suzuki. Tal proposta foi inicialmente pensada para o ensino e aprendizagem da música (do violino) por crianças, no contexto japonês. Desde sua criação, na década de 1930, e sua posterior aplicação dentro e fora do Japão, o método Suzuki tem sido adaptado para diversos instrumentos, culturas e realidades, sendo utilizado em vários países do mundo, inclusive no Brasil. (Ilari, 2011, p. 187).
3. Katherine Caldwell White: flautista americana que estudou com Suzuki no Japão e adaptou o método Suzuki para a flauta doce na década de 1970. Foi ela quem selecionou todo o repertório e, como principal diferença em relação a outros métodos, introduziu as notas graves no início do estudo. Maiores informações: <http://suzukiassociation.org/people/katherine-caldwell-white/>.



Atividades com a presença da família



Para saber mais...

O método Suzuki baseia-se nas observações sobre a aprendizagem da língua materna. Ao observar bebês e crianças, Suzuki percebeu que todas, sem exceção, aprendiam o idioma materno, inclusive os acentos e as particularidades de dialetos específicos, sem fazer grandes esforços. Suzuki também constatou que a aprendizagem do idioma materno acontece por meio da interação com os membros de sua família, sobretudo com a mãe (Ilari, 2011, p.189).

Suzuki defende a presença da família no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Em escolas de música ou em estúdios de professores do método, existem aulas individuais e coletivas com a presença - e participação - dos pais. No entanto, nas escolas de ensino regular, não existe nem a possibilidade de aula individual e, mais difícil ainda, nem a da presença dos pais nas aulas. Assim, para que a relação "triádica" entre pais, professores e alunos aconteça, outras formas de aproximar a família precisam existir.

Suzuki acredita que a participação dos pais é importante porque cabe a eles motivar a criança na difícil tarefa da prática instrumental diária, que, por sua vez, ajuda a desenvolver na criança a persistência necessária ao estudo de um instrumento musical (Ilari, 2011, p.199).



Sugestões para aproximar a família no processo de ensino-aprendizagem:

- Tarefas que envolvam pesquisa e auxílio dos pais;
- Cartazes nos corredores e locais de acesso dos pais na escola;
- Avaliações descritivas;
- Recados via agenda - ou outro meio adquirido pela escola - para parabenizar os alunos ou informar fatos ocorridos em sala de aula;
- E-mails com sugestões de escuta e/ou leitura;
- Portfólios audiovisuais;
- Depoimentos de profissionais da área;
- Participação em feiras e mostras científicas;
- Disponibilização de CDs ou DVDs para apreciação em casa;
- Apresentações musicais;
- Trabalhos sociais, entre outros.



Atividades de postura e disciplina



Preparando-se para tocar

Os alunos entendem e compreendem que toda atividade, brincadeira ou jogo necessitam de regras e compromentimentos. Vários artifícios e recursos podem mostrar como se colocar em pé, a postura correta dos pés para o cumprimento, a posição de descanso para o início da *performance*. Podem mostrar também como preparar as mãos, onde e qual mão é colocada para se conseguir equilibrar a flauta, para não deixar a flauta cair no chão, etc. Enfim, todos os passos que fazem parte do 'bonito som' a ser tocado e escutado.



Posição de cumprimento: "oi pé!"

Posição de descanso: pés juntos.





Posição para tocar: pés ligeiramente afastados.



Últimos ajustes...

Tendo sido construído o conhecimento do corpo e de como se comportar diante do instrumento e da plateia, inicia-se então o momento de ensinar o respeito pelo outro e pela música. A autoconfiança e a segurança para segurar seu instrumento e poder iniciar sua música dão espaço à satisfação de simplesmente *fazer música!* Em momentos como estes, os alunos precisam de bons exemplos. Então, o professor que é nutrido de diversidade musical, de exemplos musicais precisos e de uma rotina de estudo e dedicação ao seu instrumento, terá uma turma de flautistas que respeitam o seu entorno, valorizam a música e, além de se comportarem bem diante das situações do dia a dia, irradiarão alegria e prazer ao fazer música.

Atividades de apreciação e de contextualização

O contato com o instrumento e seu contexto pode ocorrer bem antes, em anos anteriores ao aprendizado de sua prática...

Bebês e crianças pequenas não fazem distinção entre trabalho e brincadeira. São automotivados a aprender, e se empenham no aprendizado com uma intensidade impressionante, explorando a maravilha do mundo externo com alegria e entusiasmo (Toda criança pode, 2003, p. A7).





MÚSICA na educação básica

Flauta doce baixo



É importante que os alunos tenham contato com instrumentos de qualidade, com profissionais que estejam atuando e trabalhando para que a flauta doce continue sendo um instrumento de excelência. Escutar gravações, assistir a vídeos, manipular flautas de diferentes tamanhos e receber visitas valorizam o trabalho e fortalecem o desenvolvimento musical, aguçando o senso crítico dos alunos. Dessa forma, eles saberão que aprender a tocar flauta doce não é simplesmente 'um primeiro degrau' para o instrumento que pretendem tocar futuramente e sim uma aprendizagem que prepara o caminho para uma excelência musical em *performance*!

O contexto das atividades relatadas é uma aula de música, na qual se utiliza o material intitulado "Cadernos de Música"⁴ (Santos, Santos e Cacione, 2010, p. 104-115). Durante o ano são construídos com os alunos um portfólio em caderno e um portfólio audiovisual das atividades realizadas em sala. Nos vídeos sobre a flauta doce, a professora aproveita o espaço para apresentar e explicar aspectos relacionados ao instrumento e oferecer dicas de estudo. O resultado é surpreendente a cada ano, pois o estudo em casa melhora em qualidade, sendo o próprio vídeo utilizado pelos alunos para rever conteúdos e estudar para as provas.



4. Este material começou a ser utilizado em 2007 (antes de ser publicado na revista MEB em 2010); desde então os pais começaram a receber filmagens das aulas de música.





Em 2011, o portfólio contou com três depoimentos de renomadas educadoras musicais e instrumentistas: Shinobu Saito⁵, que apresentou um breve histórico do método Suzuki no Brasil; Renata Pereira⁶, que comentou sobre o uso da flauta doce no ensino das escolas regulares; Mary Waldo⁷, que incentivou o estudo de flauta doce pelos alunos da educação infantil e das séries iniciais do ensino regular⁸.

Atividades de articulação

A técnica da flauta doce implica o desenvolvimento de três habilidades diferenciadas. A primeira é a habilidade de coordenação dos dedos (dedilhado); esta é de todas a mais fácil de aprender e ensinar. As outras duas, a habilidade de controlar o ar-sopro e a da articulação (da língua), são mais complicadas de ensinar e aprender, uma vez que são invisíveis. O trabalho de conhecer o bocal e fazer com que a língua obedeça aos movimentos necessários para uma boa articulação pode ser realizado de forma lúdica e prazerosa, utilizando-se a própria flauta ou objetos e materiais alternativos e criativos. A articulação inicial é o trabalho com a sílaba “TU” staccato e, no decorrer do processo, outras articulações vão sendo aprendidas por meio de experimentações, estudos e comparações.

Por que escolher a sílaba “TU” no início do trabalho?

Na técnica de articulação da flauta doce, temos dois tipos de articulação: simples e dupla. As simples são aquelas em que a língua faz um movimento completo para apenas uma consoante, T, D e R. A dupla é a combinação das consoantes simples T, D e R, mais duas guturais como K e G.

O “T” é uma articulação enfática, precisa e muito direta, pois a ponta da língua está mais próxima do canal da flauta. Remonta aos primeiros métodos de flauta doce utilizados no século XVII, tanto na Itália quanto na França. De acordo com o estudo de Aguilar, além do contexto da obra musical como um todo, que precisa ser considerado, a “acústica do ambiente pode influir na escolha da articulação” (Aguilar, 2008, p. 144). Portanto, como as turmas do ensino regular tendem a ser numerosas e as salas de aula (e os locais de apresentação) nem sempre possuem uma acústica ideal para as performances, a consoante “T”, por ser “oclusiva dental” (Aguilar, 2008), auxilia na interpretação das peças, resultando em um som mais claro e preciso.



Ilustração: Liliane Raniero



5. Teacher Trainer Certificate da Associação Suzuki Americana (SAA).

6. Doutoranda e Mestre em Música pela USP, flautista e professora suzuki de flauta doce.

7. Suzuki Recorder Teacher Trainer in North America and Latin America –USA.

8. O portfólio audiovisual é parte da avaliação da aula de música; portanto, apenas os pais e alunos da escola têm acesso a ele, mas é possível assistir a um vídeo que mostra um resumo da implantação dos cadernos de música depois de várias apresentações e comunicações em simpósios e congressos, inclusive da ABEM. Segue o link: http://www.maededeus.edu.br/ensino_fundamental_musica.aspx.





MÚSICA na educação básica

A vogal “U”, conforme Aguilar (2008), é a “mais indicada nos livros de flauta doce disponíveis em português, pois esta vogal ajuda a posicionar os lábios corretamente no instrumento” (Aguilar, 2008, p. 145). No entanto, a mesma autora afirma que “a variação da vogal não influi tanto no resultado sonoro comparado às consoantes”, o que significa que cada realidade fará escolhas pertinentes ao seu contexto (Aguilar, 2008, p.147).

Seguem alguns exemplos de crianças menores praticando a articulação:



Tirinhas de papel

O aluno posicionará pedaços de lã, fitas ou papel próximos à boca e falará ou cantará a sílaba “TU” para treinar sua ‘pontaria’, ou seja, a direção do seu sopro. Brinquedos como cachimbos com bolinhas também apresentam bons resultados.



Cachimbo de brinquedo

Bolinha de sabão: soprar variando a quantidade de ar obtendo tamanhos ou quantidade diferentes de bolas. Tal brincadeira ajudará o aluno no sopro suave, que é necessário principalmente na região grave das notas.



Bolinha de sabão





Atividades de afinação

No método Suzuki, para cada instrumento, existe um repertório comum que pode ser utilizado pelos alunos. Esse repertório é compilado em uma série de livros, cada um dos quais com gravações em CD para o aluno escutar e se familiarizar com a música que estiver estudando. Assim, além de ter referências corretas de afinação e interpretação, ele pode conhecer o repertório que tocará em aula, o que faz uma grande diferença, pois tocar o que é conhecido é mais interessante e prazeroso. Paralelamente, o professor pode oferecer vídeos e outros CDs de flautistas e grupos diversos.

O fato de existir um 'repertório comum' para as turmas contribui para o sucesso da *performance*, pois favorece a ocorrência de uma ajuda mútua entre os alunos (alunos mais adiantados ajudam os iniciantes, irmãos se ajudam na escola e em casa). Assim, o respeito entre os alunos é trabalhado e praticado dia a dia.

QUINTA ESSENTIA QUARTETO DE FLAUTAS DOCES: um dos quartetos mais atuantes do Brasil. Além de ótima performance e divulgação da música para flauta doce no Brasil e no mundo, esse quarteto leva sua música às escolas. Vale destacar que um dos integrantes – Renata Pereira – é uma das principais divulgadoras do método Suzuki para flauta doce no Brasil.



Estudo entre irmãos

Apresentações do projeto Flauta, Flautinha, Flautão! em escolas de ensino fundamental no Estado de São Paulo. 2012. Crédito: SE divulgação





MÚSICA na educação básica

Outro recurso muito eficaz no trabalho da afinação é a fita adesiva. Seu uso é recomendado pelo método Suzuki de flauta doce, independentemente da idade do aluno, para que ele se concentre apenas em outros aspectos da produção do som no instrumento. No prefácio do primeiro volume do método Suzuki para flauta doce, Katherine White deixa uma orientação para os professores de alunos iniciantes:



A fim de obter um maior desempenho no Volume 1 e respectivas gravações, é altamente recomendado que o buraco do polegar da flauta doce e os seis buracos seguintes sejam cobertos provisoriamente com fitas adesivas. Os professores podem remover as fitas adesivas de acordo com o progresso do aluno. Independentemente da idade, desta maneira, os alunos podem focar a sua atenção na respiração, produção do som bonito, e articulação (tonguing) (White apud Suzuki, 1997).

A primeira nota a ser aprendida é o ré grave. Dessa forma, a criança se preocupará com o sopro, que precisa ser suave para a produção da nota (além de articular a sílaba "TU"). Seus dedos são auxiliados pela fita adesiva que fecha cada um dos orifícios. Ao conseguir um sopro suave, o aluno ouvirá um som afinado, pois, diferentemente das notas agudas, na flauta doce, o limite da quantidade de ar para a produção da nota ré é mais facilmente percebido pelos alunos. Desta maneira, o desenvolvimento auditivo do aluno não será prejudicado.

O próximo passo é trabalhar para que os dedos dos alunos permaneçam sobre os orifícios (nesta etapa, o aluno já coloca as mãos, esquerda e direita, na ordem correta). A consequência natural do trabalho é a independência dos dedos, por exemplo, levantar o dedo que está no orifício número quatro para fazer a nota fá#. Assim, o aluno obtém sua 'primeira formatura', pois tirará sua primeira fita adesiva. Chegado este dia, toda a turma estará em festa, pois é, sem dúvida, uma grande conquista.



Nota ré grave com auxílio da fita adesiva





A próxima nota a ser aprendida será o fá# grave, já que o dedo indicador (mão direita) possui uma independência em relação aos demais e proporciona ao aprendiz o alcance de mais um passo (com sucesso) em seu aprendizado. Em seguida, será a nota mi grave, com a retirada da fita adesiva do orifício número seis; depois a nota sol, com a retirada da fita do orifício número cinco; e assim por diante, sempre respeitando o desenvolvimento e o tempo de cada aluno.



Atividades de leitura e notação musical

Assim como a criança aprende a ler e a escrever depois de estar fluente na habilidade da fala, não se aconselha que a criança que aprende um instrumento pelo método Suzuki aprenda a ler e a escrever música antes de tocar ou mesmo simultaneamente a isso. “Para alunos Suzuki, o desenvolvimento de habilidades auditivas e cinestésicas precedem à adição de referências visuais” (Toda criança pode, 2003, p. A 23). Faz-se necessário que o ambiente seja preparado e também que seja estimulante. Nesta fase, várias brincadeiras podem ser realizadas:

Brincar com o parâmetro do som ‘altura’: com as letras correspondentes às articulações, as crianças podem criar sua partitura no chão, escrevendo uma sequência de





MÚSICA na educação básica

sons mais agudos ou graves existentes na música. Elas podem, ainda, inventar gráficos e desenhos, registrando suas músicas com legendas e pequenas explicações. Assim, desenvolvem seu senso crítico diante das propostas que lhe são feitas.



A oportunidade de grafar suas criações ou sons produzidos pelo educador ou colegas obriga o aluno a fazer escolhas, refletir e analisar de forma crítica a eficácia de suas expressões gráficas, comparando-as com as demais (Cuervo, 2009, p. 37).



Atividade de leitura e notação musical

Brincar de escrever: assim como os alunos da educação infantil são incentivados à leitura da língua materna, os aprendizes musicais podem realizar atividades que contemplem códigos e símbolos musicais que eles verão e aprenderão mais tarde no momento do aprendizado da notação convencional. Simples atividades de desenhar 'bolinhas' ou de fazê-las com papel crepom servem de incentivo para ler e escrever música, desde que sejam realizadas em um contexto significativo para eles.



Atividade de leitura e notação musical





Atividades de interpretação, improvisação e composição

Durante o ano letivo, os alunos são envolvidos em diversos projetos planejados na escola. Nesses momentos, eles desejam contribuir para o desenvolvimento das ações propostas e realizam ‘brincadeiras’ que modificam parte do resultado sonoro. Por exemplo: melodias como “samba lelê” podem ser tocadas com variação de andamento ou mesmo modificando a escala (tocar em modo menor), colocando vibrato e mudando a articulação.

Atividades que envolvem outros instrumentos (xilofone e pandeiro, por exemplo) abrem possibilidades de criação de arranjos. Também são apreciadas as vivências de composição e/ou improvisação nas formas binária, ternária e rondó. Nesses momentos, os alunos ‘testam’ suas habilidades e despertam sua criatividade, principalmente quando essas atividades são gravadas ou filmadas para que seja realizada uma autoavaliação do trabalho desenvolvido. Esse aspecto vem de encontro a um importante trabalho realizado por Beineke (1997), que apresenta uma visão crítica de muitos métodos de flauta doce, analisando-os da ótica de Swanwick:

nossos alunos não aprendem todos da mesma forma, não têm a mesma relação com a música, estabelecem significações diferentes para o processo de aprendizagem, fazem suas próprias escolhas. Da mesma maneira, nós, professores, a cada aula encontramos soluções diferentes para a ação pedagógica. Através do estudo, da pesquisa, da reflexão sobre a nossa prática e sobre o nosso próprio fazer musical, poderemos construir alternativas metodológicas mais eficazes, mais coerentes e aprender mais música (Beineke, 1997, p. 86).



Tocando em dueto



Tocando em grupo





MÚSICA na educação básica



Atividades que envolvam experimentar outros tamanhos de flautas, completar as notas que faltam em uma melodia conhecida, criar um final diferente para uma música escolhida em sala ou, ainda, propor composições em determinadas formas ou sequências de notas podem proporcionar momentos ricos em descobertas e aprendizagem, além de desenvolver o senso crítico dos alunos. Um bom exemplo de atividades nesse formato, as quais podem inspirar e ser aplicadas por professores no intuito de criar seus próprios momentos musicais, está no livro "Sonoridades Brasileiras: método para flauta doce soprano". Segue sua referência: WEILAND, Renate; SASSE, Ângela; WEICHSELBAUM, Anete. Sonoridades brasileiras: método para flauta doce soprano. Curitiba: DeArtes – UFPR, 2008.

Os professores e educadores musicais podem e devem buscar por momentos musicais únicos para eles e seus alunos, passo a passo.



Prazer e diversão em tocar!





Referências

AGUILAR, Patrícia M. Fala flauta: um estudo sobre as articulações indicadas por Silvestro Ganassi (1535) e Bartolomeo Bismantova (1677) e sua aplicabilidade a intérpretes brasileiros de flauta doce. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Artes de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Música. Campinas, 2008.

BEINEKE, Viviane. A educação musical e a aula de instrumento: uma visão crítica sobre o ensino da flauta doce. **Expressão**, Revista do Centro de Artes e Letras da UFSM, Ano 1, Nº 1/2, 1997, p. 25-32.

BEINEKE, Viviane. O ensino da flauta doce na educação fundamental. In: HENTSCHE, Liane; DEL BEN, Luciana. **Ensino de Música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003, p.86-100.

CUERVO, Luciane. Musicalidade na *performance* com a flauta doce. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2009.

ILARI, Beatriz. Shinichi Suzuki - A educação do talento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibpex, 2011, p. 185-218.

SANTOS, Luciana A. S.; SANTOS JR, Miguel P.; CACIONE, Cleusa E. dos S. Cadernos de Música: um registro e muitas avaliações. **Música na Educação Básica**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 104-115, 2010.

SUZUKI, Shinichi. **Educação é amor**: um novo método de educação. Tradução de Anne Corinna Gottber. 2ª edição. Santa Maria: Pallotti, 1994.

SUZUKI, Shinichi. Suzuki: Recorder School. Volume 1. USA: Alfred Publishing Co., 1997.

TODA CRIANÇA PODE. Uma introdução à Educação Suzuki. Material cedido aos professores do curso introdutório de treinamento do professor SAA. Associação Suzuki das Américas, 2003.

